A POTENCIALIDADE DA ARTE CONTEMPORÂNEA AO TRANSCENDER LINGUAGENS FAVORECENDO A VIDA

THE POENTIALITY OF THE CONTEMPORARY ART TO TRANSCEND THE LANGUAGES FAVORING LIFE

Joedy Luciana Barros Marins Bamonte[1]

Abstract – *Reflection about the contemporary production artistic, the own make artistic and the creative process that involve them it is noted that, comes to the poetic construction the action to greater understanding the being as artist and from the being while humanity. In current procedures that do not prioritize more materials, supports or languages for the production of works, but human being and his complexities, the art is manifested as the essence, need of renovation. From the documentary "Window of the Soul", directed by João Jardim and Walter Carvalho, and from personal creations is studied the transcendence of materiality in hybrids process, actions at resignify the look that investigates and reinterprets. In this exercise, art is justified as experience necessary, metaphors for the life, to teach us to see, fell and restructure us.*

Index Terms – visual arts – creativity – creation' process – contemporary art

Resumo – *Ao refletir sobre a produção contemporânea, o próprio fazer artístico e o processo criativo que os envolve, observa-se que, da construção poética advém a ação para uma maior compreensão do ser enquanto artista e do ser enquanto humanidade. Em procedimentos atuais que não priorizam mais materiais, suportes ou linguagens para a produção de obras, mas sim o ser humano e sua problemática, a arte é manifesta enquanto essência, necessidade de renovação. A partir do documentário "A Janela da Alma", de Walter Carvalho e João Jardim, e de criações pessoais, estuda-se a transcendência da materialidade em processos híbridos, ações a ressignificar o olhar que perscruta e reinterpreta. Nesse exercício, a arte se justifica como experiência necessária, metáforas para a vida, ao nos ensinar a ver, sentir e nos reestruturar.*

Palavras-chave – artes visuais – criatividade – processo de criação – arte contemporânea

POTENCIALIDADE

Olhar para a história é sinônimo de olhar para o percurso que a arte traçou em milhares de anos. Por seu poder em registrar a identidade de seu autor, capacidade de refletir sobre um dado momento, posicionar-se politicamente, socialmente ou em um contexto religioso, a obra artística sempre foi um veículo de comunicação expressivo e contundente. E assim foi utilizado no discurso da igreja, dos monarcas, do poder, da elite, mas também como denúncia, voz do povo, de minorias.

O lugar da obra de arte sempre esteve diretamente relacionado, de maneira estratégica, à centralidade que lhe garantisse fluência comunicativa, de quem para quem. Brian O' Doherty, em "No Interior do Cubo Branco" (2002), apresenta as variações de construção dos edifícios que receberam as obras de arte, até chegar à limpidez de galerias e museus. Os novos "templos" passaram a convidar o espectador a conduzir seu olhar e cérebro a um ambiente sóbrio, silencioso e intocável. A formalidade e a aura da arte convidou o homem a silenciar-se, esquecer-se diante de uma obra. Em resposta silenciosa ao convite à contemplação, à interpretação e à reinterpretação.

Entretanto, apesar de continuarmos tendo esses espaços quase divinos, na contemporaneidade somos incomodados a questionar o que mais a arte tem a nos contar, da mesma forma que no período entre guerras a arte passou a se autoquestionar, começando por seus conceitos, sua função, seu distanciamento. Houve um esgotamento da potência da obra, na qual o homem passou a não se encontrar, agregando assim novos valores que integravam manifestações que antes estavam à margem, conteúdos antes considerados menos nobres. O que veio a prenunciar o diagnóstico da morte da arte.

TRANSCENDER

Na atualidade somos chamados à experiência, pois as imagens nos têm devorado. O processo de elaboração, de vivência de uma obra de arte é o que a justifica. Muitas vezes nos convida a sentir o mundo, a acordar nossas

[1] Joedy Luciana Barros Marins Bamonte, Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre em Comunicação e Poéticas Visuais pela UNESP, Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professora Assistente em RDIDP, vinculada à Universidade Estadual Paulista – UNESP (DARG- FAAC), Av. Eng Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01, 17033-360, Vargem Limpa, Bauru, São Paulo, Brasil, joedy@faac.unesp.br

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.256-260
© 2015 COPEC

percepções, vivenciar a realidade além do mundo virtual que nos engana, nos aprisiona, distanciando-nos do outro e de quem somos. A experiência nos chama à identificação, a explorar os limites físicos, palpáveis e a desvelar, desvendar. A respeito, cita-se a fala de José Saramago no documentário "Janela da Alma", (CARVALHO; JARDIM, 2002), ao refletir sobre o momento no qual vivemos:

> Nós nunca vivemos tanto na caverna de Platão como hoje. Hoje é que nós estamos a viver de fato na caverna de Platão porque as próprias imagens que nos mostram na realidade, de alguma maneira substituem a realidade. Nós estamos no mundo a que chamamos o mundo audiovisual. Nós estamos efetivamente a repetir a situação das pessoas aprisionadas ou atadas na caverna de Platão, olhando em frente, vendo sombras e acreditando que essas sombras são a realidade. Foi preciso passar todos estes séculos para que a caverna de Platão aparecesse finalmente num momento da história da humanidade, que é hoje e que vai ser cada vez mais.

Partindo da afirmação do escritor, podemos concluir que nossa preocupação deve estar bem além do que vemos. Deve buscar o que deixamos de perceber, de sentir. E aí entramos no campo exato da arte e da capacitação que nos dá as poéticas artísticas. Vivemos em um instante da história no qual o processo artístico nos é emprestado para sairmos de um estado de dormência psíquica, emocional, cultural. E nesse instante, talvez, somente olhar para a obra de arte em uma galeria, museu ou praça pública, possa significar permanecer na dormência. Estamos tão esgotados das imagens que nos são apresentadas, tão saturados que somos impelidos, à experiência, a partilhar do momento de concepção da obra do artista, pois é exatamente aí que ela passa a ter sentido em toda sua completude. Nessa completude, a arte perpassa conteúdos e linguagens, na urgência de tessituras que dissipam tudo o que não serve a sua expressão.

Como experiência pessoal, apresento a seguir uma sequência de criações que dialogam com as questões abordadas, nas quais o momento de realização, o olhar e a poética são tão importantes quanto o resultado final dos trabalhos. Tratam de vivências, ações e indagações que inserem o artista como elemento atuante, um propositor de indagações sobre o quotidiano. O processo durante essas proposições não podem caminhar à parte das imagens resultantes. A ação, como intervenção social, o momento em que foram geradas contêm a essência de seu significado, e dessa compreensão depende a assimilação da obra como um todo. Fazem parte da mesma trama.

FAVORECER, VIVENCIAR

A maioria das obras mencionadas foi desenvolvida junto ao grAVA - Grupo de Estudos em Artes Visuais e Audiovisuais, do qual sou coordenadora. Nele, crio obras, da mesma forma que os alunos participantes do projeto, em um compartilhar que esmiúça o texto de autores como Gaston Bachelard em um processo criativo conjunto que desperta e fortalece o individual, auxiliando cada aluno no desenvolvimento de sua poética, respeitando-a. Essa dinâmica está diretamente relacionada à questão de se priorizar caminhos em relação às linguagens. Elas são utilizadas para servir e não para delimitar, por isso a criação as perpassa à medida que o objeto de estudo determina.

As figuras 1 e 2 são fotografias de "A Persistência da Espera", intervenção pública realizada em 2011, em um bosque do campus da Universidade Estadual Paulista (Bauru, SP). No mesmo local foram expostos os outros seis trabalhos dos alunos, membros do grupo (grAVA, disponível em: https://gravaunesp.wordpress.com). Em um diálogo com os empacotamentos de Christo, o trabalho propôs um estranhamento no local, encapando os seis bancos feitos com troncos que se encontravam dispostos em um palco a céu aberto em meio à vegetação. Alinhados, tinham no tecido branco que revestia seus assentos o tom discrepante ao cenário. Buscava trazer o estranhamento aos transeuntes à medida que "esperava" suas manifestações, assim como as resultantes de intempéries da natureza. Em um primeiro instante, o tecido foi retirado antes mesmo que a montagem fosse finalizada, o que me levou a recomeçá-la, daí o título que recebeu. O tecido permaneceu ali durante meses, recebendo os registros da passagem do tempo, feitos ao acaso ou intencionalmente.

FIGURA 1
" A Persistência da Espera", Joedy Marins, 2011. Intervenção pública.
(Fotografia digital. Acervo da artista)

FIGURA 2
" A Persistência da Espera", Joedy Marins, 2011. Intervenção pública. (Fotografia digital. Acervo da artista).

A segunda série de fotos, referente às figuras 3 e 4 foi denominada "Ainda assim não me disperso", também realizada junto ao grAVA, em 2012. Surgiu da leitura conjunta do texto de Gaston Bachelard a respeito dos espaços da intimidade, tendo na casa própria e nas lembranças que dela emergem o objeto para a criação de obras. Foi exposta em uma galeria preparada a partir de um espaço ocasionalmente cedido pela universidade, cercado internamente com cortinas que vedavam as janelas existentes em todas as paredes do recinto. Além do trabalho estavam dispostos trabalhos de cinco alunas. As fotos foram projetadas como uma vídeo-instalação composta em uma pequena sala coberta por tecido preto.

As imagens desse trabalho surgiram em meio a reflexões sobre "A Poética do Espaço", quando me deparei com uma casa em demolição durante meu trajeto na cidade. Tal fato me levou a perscrutar o espaço, sob a fragilidade da fragmentação do edifício, resultando em uma sequência de fotos que me fizeram pensar naquela estrutura quebradiça como sólida antiga moradia, talvez idealizada para uma família. Surgiram pensamentos a respeito da história daquele lugar, o motivo de chegar a se desfazer a casa, o que o desabamento realmente significaria para as pessoas que um dia já haviam morado ali. Compartilhando desses pensamentos também emergiam relações pessoais sobre o quanto minha casa de infância já teria desaparecido nas lembranças, assim como o histórico pessoal. Diante disso, o texto do filósofo francês era pulsante:

> O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. (BACHELARD, 2008, p.26)

FIGURA 3
" Ainda assim não me disperso 5", Joedy Marins, 2012. Fotografia digital, parte de vídeo-instalação. (Acervo da artista)

FIGURA 4
"Ainda assim não me disperso 6", Joedy Marins, 2012. Fotografia digital, parte de vídeo-instalação. (Acervo da artista)

A terceira sequência de imagens foi gerada em 2013, dando continuidade aos estudos bachelardianos sobre os espaços da intimidade. Nesse momento, a leitura seria em função da casa como espaço do outro, o que resultou em fotografias realizadas por mim e por cinco alunos. Meu interesse se deu em função de minha casa e de procurar os vestígios deixados por minha família naquele espaço. Todas as imagens foram produzidas ao procurar não intervir em marcas de uso, dobras deixadas há pouco tempo, "congeladas" antes da arrumação e da limpeza. Para a produção das fotos, considerei a assepsia como apagamento de uma passagem recente, remoção de rastros de vida, daí

denominar a série “Vestígios”. Tratam-se das figuras 5 e 6. Cito outro trecho de Bachelard como referência para essa série:

> O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses “objetos” e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria um modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. (...) (Bachelard, 2008, p.91)

FIGURA 5
“ Vestígios 10”, Joedy Marins, 2013. Fotografia digital. (Acervo da artista)

FIGURA 6
“ Vestígios 12”, Joedy Marins, 2013. Fotografia digital. (Acervo da artista)

Dentro do mesmo contexto, ao fotografar a cidade, de maneira contrastante, registrei um momento em que a casa é conduzida, em uma tentativa de sobrevivência diante das adversidades. Na figura 7, a soleira dos portões da histórica ferrovia fechada e abandonada serve de cama para aqueles que se encontram embrulhados em cobertores. Não há como não pensar na dispersão da casa imaginária, no distanciamento dos espaços da intimidade e em tentativas mentais e emocionais para que elas não se dispersem. Divagações sobre a realidade extremamente palpável. De um exemplo que se estende a todos que por ali passam, cena surreal, que na dormência descrita por Saramago, tornou-se sombras.

FIGURA 7
“ Vestígios 20”, Joedy Marins, 2013. Fotografia digital. (Acervo da artista)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente precisamos de uma arte que reflita sobre o próprio homem, em um fluxo contínuo que provoque uma imersão física e reflexiva, estética. Por não ser contida somente nos espaços formais de exposição, mesmo que a encontremos neles, excede os formatos, ferramentas e linguagens, sejam eles tradicionais ou virtuais. O homem do século XXI pode ser beneficiado por um mecanismo que o auxilie a avaliar a si mesmo e a buscar sua identidade. Para isso, a arte na contemporaneidade é apresentada como um processo a ser partilhado e compartilhado. Sua materialização é o registro de algo maior que está presente na poética do artista. A isso, dá-se o nome de vida, apta a ser experienciada, compreendida, redescoberta, em processos pessoais e conjuntos que se abrem à apreciação no despertar para nosso momento da história.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CARVALHO, Walter, JARDIM, João. **Janela da alma**. Filme color, 2002. Europa Filmes. 73 min. Brasil.

O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco**: a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
RESTANY, Pierre. **Os novos realistas**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
SALLES, Cecília A. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 5 ed. São Paulo: Intermeios, 2011.
SALLES, Cecília A. **Redes da criação**: a criação como rede. 2 ed. Vinhedo: Horizonte, 2006.